

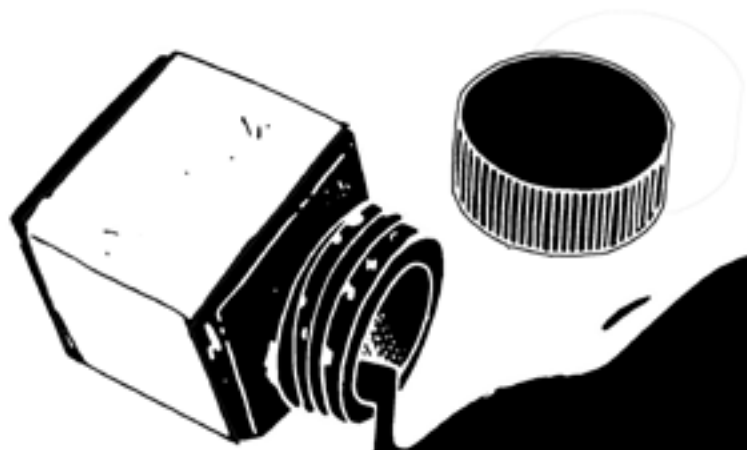


QUANDO ME DESCOBRI

Bianca Santana

Mateu Velasco ilustração

SESI-SP editora



PARA O TIO HAROLDO

NEGRA



APRESENTAÇÃO

Escrever um livro? De histórias, literatura? Isso é maravilhoso, mas é coisa de escritor, não é para mim! Mesmo depois de ter escrito os 28 pequenos relatos que compõem este livro, sinto dificuldade de respirar ao registrar estas palavras. Publicar histórias sobre a vida, as experiências, os sentimentos, as indignações não é para gente como eu, uma voz insiste em repetir.

Inspiro devagar e me esforço para lembrar que histórias como estas precisam ser contadas em livros. Que a Bianca mais jovem, encantada com a leitura sobre realidades tão distantes da dela, adoraria ter lido algo mais próximo. Que tanta gente com quem convivi e que não gostava de ler poderia ter se identificado com leituras curtas, de linguagem simples que retratassem aspectos de suas vidas. Que precisamos de

mais escritoras no Brasil, e especialmente de mulheres e homens negros publicando literatura. Que gente mais talentosa que eu, de diferentes origens sociais, pode se sentir mais segura em ocupar o papel de escritora ou escritor com esta publicação em mãos.

Sinto, então, uma gratidão profunda pelo convite de ocupar estas páginas e por todas as oportunidades que tive e me permitiram recebê-lo e aceitá-lo. Ao convite por manter um blog no Brasil Post, espaço no qual publiquei meus primeiros relatos, alguns deles aqui reunidos, que deram visibilidade à minha escrita. O círculo de mulheres negras da Casa de Lua, espaço para falar abertamente de muitas das questões aqui retratadas e perceber que as histórias de uma eram as histórias de todas nós, foi fundamental. Assim como tantas pessoas generosas — professores, terapeutas, familiares, amigas — que sempre me ensinaram, inspiraram, incentivaram e enxergaram em mim o que eu mesma não conseguia. A quem traba-

lhou por políticas públicas que possibilitaram à minha mãe cursar o ensino superior e mudar a história de toda uma família e que permitiram economizar no aluguel e investir em minha formação.

Apesar do meu nome na capa, este livro é de todas essas pessoas. E de todas as que se identificarem com a leitura das histórias divididas em três partes: 1. as que vivi, e me rasguei visceralmente para conseguir registrar; 2. as que ouvi ao longo da vida, e, especialmente para este livro, de Douglas Belchior, Fabiana Gotardo, Gaia Leandro Pereira, Luzia Nascimento Carvalho e da querida editora Renata Nakano; 3. as que pari, misturando experiências vividas, ouvidas, sentidas, imaginadas.

Que a leitura provoque afeto e nos inspire a construir, no cotidiano, a justiça, a igualdade e a generosidade que nos permita ser.

BIANCA SANTANA



PARTE 1 DO QUE VIVI 10

PARTE 2 DO QUE OUVI 40

PARTE 3 DO QUE PARI 68



DO QUE
VIVI



QUANDO ME DESCOBRI NEGRA

Tenho 30 anos, mas sou negra há apenas dez. Antes, era morena. Minha cor era praticamente travessura do sol. Era morena para as professoras do colégio católico, para os coleguinhas – que talvez não tomassem tanto sol – e para toda a família que nunca gostou do assunto. “Mas a vó não é descendente de escravos?”, eu insistia em perguntar. “E de índio e português também”, era o máximo que respondiam. Eu até achava bonito ser tão brasileira. Talvez por isso aceitasse o fim da conversa.

Em agosto de 2004, quando fui fazer uma reportagem na Câmara Municipal, passei pela rua Riachuelo, onde vi a placa “Educafro”. Já tinha ouvido falar sobre o cursinho comunitário, mas não conhecia muito bem a proposta. Entrei. O coordenador pedagógico

me explicou a metodologia de ensino com a cumplicidade de quem olha um parente próximo. Quando me ofereci para dar aulas, seus olhos brilharam. Ouvi que, como a maioria dos professores eram brancos, eu seria uma boa referência para os estudantes negros. Eles viam em mim, estudante da Universidade de São Paulo e da Faculdade Cásper Líbero, que há espaço para o negro em boas faculdades.

Saí sem entender muito bem o que tinha ouvido. Fui até a Câmara dos Vereadores, fiz a entrevista e segui minha rotina. Comecei a reparar que nos lugares que frequento as pessoas também não tomam tanto sol. O professor do Educafro toma. Será por isso que ele me tratou com tanta cumplicidade?

Pensei muito e por muito tempo. Não identifiquei nada de africano nos costumes da minha família. Concluí que a ascensão social tinha clareado nossa identidade. Óbvio que somos negros. Se nossa pele

não é tão escura, nossos traços e cabelos revelam nossa etnia. Minha mãe, economista, funcionária de uma grande empresa, foi branqueada como os mulattos que no século XIX passavam pó de arroz no rosto porque os clubes não aceitavam negros.

Eu fui branqueada em casa, na escola, no cursinho e na universidade. É como disse Francisco Weffort: o branqueamento apaga as glórias dos negros, a memória dos líderes que poderiam sugerir caminhos diferentes daquele da humilhação cotidiana, especialmente para os pobres. Ainda em busca de identidade, afirmo com alegria que sou negra há dez anos. E agradeço ao professor do Educafro que pela primeira vez, em 21 anos, fez o convite para a reflexão profunda sobre minhas origens.





SAUDADE DO QUE PODERIA TER VIVIDO

“Perder o pai já é uma tragédia
Perdê-lo na infância é sentir saudade
Não do que viveu, mas do que poderia ter vivido”

“Crisântemo”, Emicida e Dona Jacira

Meu pai sempre me deixou provar a espuma da cerveja. Era muito amado e respeitado por onde passava. E levava uma vida que anunciava como acabaria: mal. Ele era bicheiro, daqueles com corrente de ouro e camisa colorida que costumava ter em novela. Eu sabia que era ilegal. E rezava muito cada vez que passava na frente de um presídio ou via um carro de polícia. Pelos presos, mas principalmente pelas filhas dos presos. Na minha fantasia, mais

cedo ou mais tarde meu pai estaria na cadeia. Até que, por um milagre, ele saiu do jogo do bicho e abriu um bar.

O dinheiro acabou. A segunda esposa foi embora com o filho mais novo. Ele foi encolhendo os ombros, retraíndo o peito e ficando cada vez mais quieto. Num domingo, fui visitá-lo e ele não abriu a porta. Abusada, pulei a janela, e percebi que ele fumava um cigarro, já no final. Ele não estava dormindo. Não abriu a porta porque não quis. Percebi a tristeza, mas me sentia feliz porque a vida agora era honesta.

No dia seguinte, enquanto eu fazia lição de geografia, o telefone tocou, mas minha tia não quis falar comigo. Nervosa, pediu para chamar minha mãe. Eu sabia o que tinha acontecido. Sabia que ele tinha morrido. Depois que minha mãe bateu o punho na mesa e deu um grito de fúria, foi pra lon-

ge de mim, falar com minha avó e meu tio. Depois, me chamou no quarto e contou.

Por 17 anos tive muita raiva. Lembrava-me de um homem ausente, irresponsável, pouco comprometido com qualquer coisa. Evitava lembrar, na verdade. Depois que meu pai se suicidou, construí as piores memórias. Como ele podia ter me abandonado? Como não pensou em mim antes de puxar o gatilho? Não era possível que ele me amasse. Ele não era um pai de verdade.

Precisei de uns 15 anos, muitas leituras, terapia e sofrimento para entender que a morte do meu pai não tinha a ver comigo. Que o suicídio dele não era falta de amor por mim. Que a história de vida daquele homem inteligente, articulado e ambicioso era a mesma de muitos jovens pobres. Que contar a minha história era também um ato político.

Precisei de 17 anos para acessar outras memórias do meu pai. Para lembrar de quando me ajudou a decorar as capitais do Brasil, de como ele falava que o meu cabelo era lindo, de como o abraço dele era único e me fazia sentir segura. Só depois de reencontrar esse pai amoroso consegui chorar a minha dor que é a de tantas pessoas. Uma dor de injustiça. Uma dor de saudade.

•



O RACISMO NOSSO DE CADA DIA ESCANCARADO NO MEU CABELO

Solto e acho bonito. Volto ao espelho e coloco uma faixa. Um pouco mais de tempo e recorro aos gram-pinhos. “Esse jeito de prender tem uma coisa de negritude, mas ainda é preso”, falei na terapia. Na mesma semana, li um texto sob o título “Minha filha tem o cabelo muito crespo. A partir de qual idade posso alisá-lo?”. Ah, as sincronicidades da vida...

Passei anos ouvindo propostas de cabeleireiros para “arrumar” meu cabelo. Arrumar significa alisar ou, no mínimo, “relaxar as ondas”. Minha avó, vítima e algoz do mesmo racismo, prendia o cabelo beeeem puxado pra trás.

E de tanto puxar e puxar o cabelo num rabo de cavalo, nunca tive coragem de soltar o crespo em

público. Até que nasceu em mim o desejo de assumir meu cabelo como uma marca de identidade. Encontrei o Marco Antônio, cabeleireiro incrível, que cortou um *black*. Detestei! Então, ele me ensinou a fazer uns rolinhos, prendendo o cabelo com grampos como se fosse uma tiara, até eu me acostumar com o volume. Nove anos depois ainda não me acostumei. Continuo fazendo os rolinhos diariamente. Diariamente, não! Nesses anos, soltei umas três ou quatro vezes.

Com o *black* liberado, sinto um calor insuportável, não me reconheço com o volume ao redor do rosto e fico desesperada pra prender o cabelo. Desesperada mesmo, não é força de expressão! Começo a suar, sentir taquicardia e uma vontade incontrolável de prender o cabelo. Aí prendo; sinto os músculos relaxarem e um conforto no peito.

Grávida pela terceira vez, imaginava uma menina pretinha, com o cabelo bem crespinho pra eu soltar e enfeitar com flores coloridas. Mas a vida

me presenteou com uma menina bem branquinha, de olho azul e uma careca de pelugem fininha... Os filhos não nascem mesmo pra dar conta dos desafios dos pais. Minha questão com o meu cabelo é obviamente minha. Mas também é de todos nós, brasileiros, que assumimos o liso e o loiro como padrão de beleza.

Em 2011, esperava um voo em Paris quando puxei papo com uma portuguesa. Ela ficou muito surpresa porque eu falava a língua dela. “É a minha língua também, sou brasileira”, anunciei. “Mas como? Com esses cabelos crespos? Toda brasileira tem cabelo liso!” Reparei no mar de mulheres que esperava os voos pra São Paulo e pro Rio. A portuguesa tinha razão.

•



NEM TODO LUGAR É DE PRETO

No ano passado, participei de um debate sobre reforma política. Uma jovem negra, preocupada em levar o debate à maior parte da população, perguntou como a campanha estava sendo feita na periferia. Ela não mora na periferia e foi muito assertiva na pergunta. Outra participante, tentando ser solidária, perguntou em que bairro a jovem negra morava. Se a preocupação com a periferia tivesse vindo de uma pessoa branca, ela não teria sido mal interpretada. Esse racismo sutil, implícito e difuso é o mais comum. Afinal, pode ser uma simples confusão de quem sentiu o racismo! Ou um protocolo de segurança, mero procedimento. Mas ele acontece todos os dias. Fere. Machuca. E reafirma, com crueldade, que nem todo lugar é lugar

de preto, principalmente se sua aparência não for “aceitável”. Imagino que cabelo alisado e roupas de grife atenuem a abordagem racista. Com meu cabelo crespo e as roupas de que gosto, todos os dias sou lembrada de que bairro central, casa grande, cafés e restaurantes de classe média e ser professora universitária não são pra mim.



QUE CORAJOSA POR VIR COM ESSE TURBANTE!

Sou negra, mulher, de origem pobre. E, se essas palavras não são suficientes para me definir – afinal, que etiquetas dão conta do que é uma pessoa? –, elas ajudam a me situar em um contexto social, histórico e político. Confesso que nunca tive conflitos em relação à minha origem pobre, que sempre comuniquei com orgulho, mas levei muitos anos para me reconhecer como negra e como mulher.

Descobrir-me negra foi um processo. Descobrir-me mulher é uma jornada que se iniciou com a maternidade e tem sido foco da minha atenção. Se essas descobertas já não são simples, vesti-las, para que qualquer pessoa possa vê-las, é especialmente difícil.

Nunca acreditei em características “naturais” de raça, etnia ou gênero. Mas somos seres culturais que expressamos (ou não) características do que é ser negra, mulher ou pobre em uma sociedade, no tempo presente e nas tradições que carregamos. Calça jeans, camiseta branca e nenhum adorno já foram, em mim, a não expressão de características culturais que eu começava a perceber. Hoje, amarrar um turbante grande e colorido no cabelo crespo, e sair com ele por aí, em qualquer lugar, é uma das mais potentes expressões de como me vejo.

Acontece que, há algumas semanas, fui a uma reunião de trabalho, em uma instituição formal, vestindo um turbante laranja. Calça social e sapato pretos, camisa, brinco e maquiagem discretos – como parece ser o *dress code* do lugar – e o pano na cabeça, nada discreto. Há alguns meses, soltar

o cabelo crespo era uma questão difícil, mas, naquele dia, bagunçar o cabelo e enfeitá-lo com o tecido vibrante, antes de uma reunião de trabalho, foi natural a ponto de eu sequer questionar se era adequado ou não.

Trabalhei com o mesmo compromisso dos dias de cabelo mais discreto, obviamente. E, ao final de mais uma etapa na construção de um projeto de educação relevante, que atende a necessidades institucionais e recomendações internacionais, fui surpreendida. Ao me despedir da competente e agradável gestora que me contratou como consultora, ouvi que todos no departamento comentavam minha coragem por usar o turbante.

Oi? Coragem? Levei alguns segundos questionando por que seria corajoso usar um turbante. E por que aquelas pessoas sentiram necessidade de falar sobre essa coragem. Além disso, por que

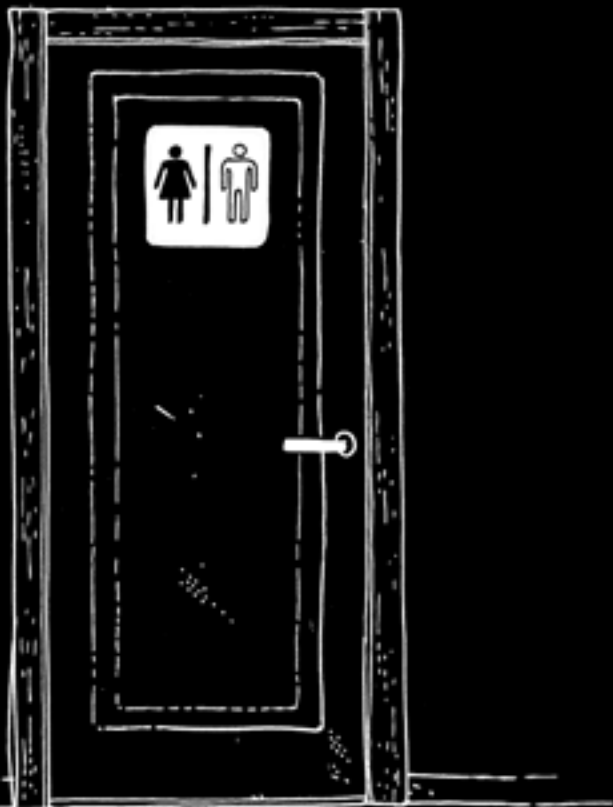
aquela mulher, tão sensível e profissional, com quem tenho criado um excelente vínculo de trabalho e tenho vontade de trocar ideias sobre assuntos da vida, me passou aquele recado?

Passei dias refletindo sobre o peso daquela “coragem”. Trabalhar em uma grande instituição, usando turbante laranja, é expressar – de forma contundente – minha identidade não só como mulher mas também como negra. E essa autoafirmação não é o que se espera de uma mulher que busca sucesso profissional. Ainda mais quando ela é negra.

No patriarcado, a mulher que quer ser reconhecida pela inteligência e pelo profissionalismo não pode se adornar. Além disso, no senso comum, negra não pode ser consultora, bem remunerada, especialista em um tema específico, com livro publicado e algum reconhecimento. E se uma negra

está nessa inusitada situação, o que se espera dela é que, no mínimo, alise ou prenda o cabelo. Com ou sem turbante, mostrar-se diferente é mesmo um ato de coragem.





“POSSO TE FAZER UM PEDIDO?”

Um sorriso, desses sem mostrar os dentes, seguido do pedido:

– Uma mesa pra dois, por favor.

Um sorriso em resposta, do mesmo tipo:

– Eu não trabalho aqui.

Outro sorriso e outro pedido:

– Você pode levar uma água até aquela mesa, por favor?

A resposta, sem sorriso:

– Eu não trabalho aqui.

O terceiro sorriso, em menos de cinco minutos, com outro pedido:

– Eu preciso de um cardápio.

O desejo de responder aos berros que estou esperando minha amiga sair do banheiro pra sumir

daquele café onde quem frequenta é branco e quem trabalha é preto. Mas a resposta cordial, tranquila, a seco:

– Eu não trabalho aqui. Posso te fazer um pedido?

•

DESMONTE

Palestra em universidade pública. Com nome e minicurrículo no fôlder de divulgação. Auditório lotado. Melhor preparar logo a apresentação, penso eu. Vou ao computador, o conecto à rede e procuro a página onde postei o arquivo. Uma voz rude interrompe:

– Onde está a Claudete?

– Oi?

– A Claudete! – responde com mais rispidez.

– Eu não sei.

– Como não sabe?

– Eu não sei. Não trabalho aqui.

– Então por que está mexendo no computador?

– vem a bronca em forma de pergunta.

Diante do olhar assustado, indignado, abaixa o tom, baixa o olhar, procura o nome no fôlder e mostra a vergonha:

– Você é a Bianca Santana?



PELO GOSTO, PELA COR E PELO CHEIRO

– Foi você que fez o arroz-doce, não foi?

Sim. Mas como todas sabiam? A mesa estava cheia de pratos preparados pelas mulheres daquele encontro. Lanche comunitário, tão comum e gostoso. Tinha bolo de fubá e de coco, torta de frango e de palmito, sanduíches de berinjela e o arroz-doce.

– Como vocês sabem que esse fui eu? – perguntei.

– Pelo gosto, pela cor e pelo cheiro – uma das mulheres respondeu.

De fato, o branco cremoso do arroz estava marcado por tons de marrom clarinho. Açucarado, com o perfume forte do cravo e da canela. Cor, cheiro e gosto. Como sempre teve a comida da minha casa, desde a infância. O arroz branco da minha avó era amarelo, não branco. O colorau chegava ao olfato

como terra molhada e pintava de amarelo o arroz nosso de cada dia.

Cominho, sal, coentro. Alho, salsinha, cebola e pimenta. Comida que dava gosto, com farinha que dava a liga. Talher pra quê? Misturar com a mão, moldando uns bolinhos direto pra boca. Depois ouvi dizer que chamavam esse arroz de capitão. E muito depois descobri que preto da África come muito com a mão. Garfo e faca aprendi a usar adulta. Antes, era só garfo na rotina e mão pra saborear a comida. Só com a mão dá pra sentir o gosto de verdade.





DO QUE
OUVI



MULHER-MARAVILHA

“Que bom viver no Brasil, um país onde pessoas de todas as cores são iguais”, pensava Fabiana. Em outro lugar, em outros tempos, ela não poderia ser branca e se casar com um homem negro. Mas no Brasil ela pode. E se casou com o homem por quem se apaixonou, preto, preto, preto.

Ela tinha medo de ouvir comentários constrangedores sempre que o apresentava a alguém. Tinha vontade de tapar os ouvidos por prevenção e sempre apertava os olhos para ser mais difícil ver expressões de espanto. E o tempo passava sem nenhum incidente, provando que o Brasil é um país onde pessoas de todas as cores são iguais.

Mesmo assim, parte dela vivia em estado de alerta, fosse no supermercado, no consultório mé-

dico, no elevador ou no parque. Era como se o alerta fosse mágico a ponto de barrar qualquer movimento de estranheza antes que ela fosse obrigada a perceber. E o Brasil continuava sendo o lugar onde a cor de pele não importa.

E nasceu a Malu. Mistura linda dos dois que cresceu cada vez mais pretinha. A Malu foi crescendo, falando, brincando e quis ser super-heróina. Em um Carnaval, ficou linda de Mulher-Maravilha.

Enquanto andava pelo salão, gargalhadas. E um comentário a atravessou como uma faca:

– Nossa, essa Mulher-Maravilha foi pra praia e pegou muito sol!

Fabiana ouviu, mas era como se não tivesse ouvido. Afinal, ela não queria ouvir. Ficou em choque. Silenciou. Grudou na filha. Quis voltar pra casa. Voltou.

Sentiu culpa por não ter reagido. Teve medo por tudo o que a filha ainda pode passar. Mas o pior foi ser obrigada a encarar a verdade.

•



LIVROS PARA QUEM?

Ela estava entusiasmada. Começara o curso de auxiliar de enfermagem e tinha gostado muito do primeiro dia de aula. Luzia saiu da escola e comemorou quando o ônibus chegou rápido. Antes de chegar ao trabalho, podia passar no sebo para tentar comprar um dos livros recomendados pela professora.

O trânsito estava pesado e dali a pouco as crianças chegariam da escola. Luzia era babá e não podia atrasar um minuto para receber as crianças do ônibus escolar. Não foi daquela vez, mas uma hora daria certo.

Quase uma semana de tentativas e o intervalo entre passar na catraca do ônibus de linha e a chegada do ônibus escolar nunca era grande o

bastante para uma parada no sebo. Sábado ela trabalhava. Domingo a loja não abria. E assim passavam as semanas. As cópias do livro da professora iam quebrando o galho. Mas ela tinha economizado tanto antes de começar o curso que pelo menos o livro mais recomendado ela queria ter. Um livro dela. Comprado com o dinheiro dela. Recomendado no curso que ela sonhara tanto fazer.

Quase um mês depois, o tempo foi generoso. Ela entrou no sebo. E antes mesmo de perguntar para o senhor que estava atrás no balcão sobre o livro que procurava, foi absorvida pelas estantes. Eram tantos os livros. Os de saúde e medicina, organizados em três prateleiras, pareciam muito interessantes. Será que um dia conseguiria ler tudo aquilo? Pelo menos parte?

Luzia lembrou do relógio, já pensando estar atrasada. Que feliz surpresa perceber que tinha tempo

para folhear alguns exemplares! O olhar parou em um tratado de fisiologia. E mais rápida que suas mãos foi a voz do senhor que saía de trás do balcão:

– O que você está fazendo? Não viu que esses livros não são pra você? Sai daqui! Não tem nada aqui pra você. Sai. Sai.





NÃO MEXE COM QUEM NÃO ANDA SÓ

23h59. Digitou no Google “processo seletivo; bolsa; coimbra; doutorado”. O resultado saía dia 5 e 23h59 do dia 4 era o momento exato pra começar o processo de conferir se havia passado ou não. Entrou no site do governo, que afirmava: “Resultado do Processo Seletivo para Bolsas de Doutorado – 5 de outubro”. “Já é dia 5! Como não atualizam a página?”, pensava? F5. F5. F5. F5. F5. F5. Já passava da uma da manhã e ninguém atualizava a página. Que absurdo não terem deixado isso programado! Falta de respeito com gente ansiosa como ela.

Fez um chá na tentativa de se acalmar. Tomou várias xícaras. Já na cama, a última checada pelo celular e nada. Demorou a dormir. No dia seguinte, a filha a acordou cedo pedindo pra mamar. Com a

pequena pendurada no peito, entrou na página mais uma vez. Agora, em destaque: “Resultado do Processo Seletivo para Bolsas de Doutorado”. Peito acelerado por dentro, criança pendurada por fora. Clicou. Gabriela Gaia. Estava lá o nome dela! Conseguiu!

Foram meses preparando a viagem. Embarcaram ela, a criança de dois anos, alguns livros e roupas. O destino era o velho mundo que Gabriela sempre sonhara conhecer. Ser aluna de Coimbra, uma das universidades mais antigas e tradicionais do mundo, era uma conquista muito importante. Ela, mãe solteira, que ouviu tantas vezes como tinha estragado a própria vida, podia agora realizar um sonho.

As semanas passavam e Gabriela conhecia mais brasileiras e brasileiros. Além deles, havia africanos de países também colonizados por Portugal e chineses. A pele escura, fruto da mistura de negros e brancos, fazia os portugueses pensarem que Ga-

briela era africana. A grande maioria dos brasileiros estudando lá era branca. Os africanos percebiam pelo tom de pele e pelos traços da mulher que ela não era africana. Ela foi construindo um lugar próprio da brasileira-negra-mãe-solteira-esforçada-tentando-ganhar-a-vida-em-Portugal.

Estudar e cuidar da filha tomava todo o tempo e não permitia muita interação social. Nos raros momentos de lazer, caminhava pela cidade. E ficava muito evidente como era notada. As pessoas todas a olhavam com algum espanto. Ela estava em evidência, mesmo sem querer.

Já era tempo de calor, quando Gabriela não precisava mais amarrar lenços no pescoço, mas ainda queria se enfeitar com eles. Buscou tutoriais no YouTube e começou a amarrar turbantes. Em pouco tempo, já pegou prática em produzir diversos modelos. Sentia-se tão bonita que começou a usar todos

os dias. E Gabriela, que já era notada, parecia estar mais em evidência. Com uma diferença: o turbante a fazia sentir-se no controle. Era amarrar o pano na cabeça para se sentir conectada a uma multidão de mulheres que veio antes dela. A força ancestral de tantas negras que tiveram relação com Portugal de alguma forma, fosse no território, fosse nos anos de escravidão e colonização, se manifestava. E ela saía pelas ruas muito dona de si. Em evidência por querer. Assumindo sua identidade e o que foi construir naquele país: o resgate da história de seu povo e de sua ancestralidade. Ela era das primeiras negras brasileiras a estudar em Coimbra, mas com ela estavam todas as outras. Conectadas pelo turbante.

•

O PODER DA PALAVRA

O braço doía de tanto esfregar o canto do guarda-sol. Fazia força, mas o nome pichado não saía. Tão rápido escrever! Mas apagar é força, tempo e paciência. O pior nem era a dor. Era o pai repetindo as mesmas perguntas: “Você quer que a gente perca a barraca? Vamos viver do quê?”.

Belchior tinha escrito o nome de seu candidato no lugar mais visível da banca de doces. “Meu candidato”, repetia em pensamento. Mesmo sem ter idade para votar, acompanhava o horário político e gostava do que ele falava. Casa, comida e escola pra todo mundo. Branco, preto, mulher e homem com as mesmas oportunidades. O garoto achava difícil entender quem não gostava dele.

Quando via aquele homem na televisão, era mais que admiração o sentimento. Era uma viagem. De repente, Belchior era o adulto que pedia voto. Queria ser como ele. Dedicar o que sabia pra todo mundo ter uma vida melhor. Usar terno e falar bonito. Mostrar que preto sabia governar e muito bem.

Mas os donos do supermercado, que deixavam a família trabalhar na calçada, votavam no outro candidato. E o pai não queria contrariar ninguém. Já pensou perder aquele lugar, onde passava tanta gente? Irritado, jogou a bucha e o sabão. “Você quer que a gente perca a barraca? Vamos viver do quê?”, repetia sem parar.

Belchior esfregava e lamentava por ter de apagar aquele nome. Era como limpar a marca do time de futebol. Pior que sufocar um grito de gol. Era quase abrir mão do sonho secreto de ser candidato

e concordar, em silêncio, com o pai que política não era pra ele. “Você quer que a gente perca a barraca? Vamos viver do quê?”, o pai repetia as perguntas. Belchior esfregava com mais força. E conseguiu responder: “Vou viver de política!”.

•



AUTO DE RESISTÊNCIA

Paulo Vitor. Boné. Viatura. Tiro. “Ele mexia com droga, todo mundo sabia.” Depois de ser preso duas vezes em vinte e poucos anos, a morte na quebrada não foi surpresa pra ninguém.

Alex. Moto. Sirene. Bala. “Um moço calado, que não mexia com ninguém.” Foi encontrado com furos nas costas, numa viela do Jardim Brasil.

Douglas. Irmão. Bar. PM. “Por que o senhor atirou em mim?”, perguntou o trabalhador de 17 anos, antes de tombar.

No país onde justiça tem cor, preto bandido não merece julgamento. Só caixão ou cadeia. E, mesmo que faça tudo direito, tem sempre o risco de não voltar pra casa. Resistência seguida de morte.



ALEMÃO

Eduardo chegou da escola, tirou o uniforme e o tênis, deixou a lição na mochila porque estava com muita fome. Devorou o prato de macarrão servido pela mãe, repetiu a limonada três vezes e deixou a lição de lado mais um pouco pra poder descansar.

Levantou, a mãe estava vendo um programa chato na televisão, mas, mesmo assim, sentou perto dela. Por mais que fingisse que não, aos dez anos, ainda gostava de um colinho. A lição podia esperar mais um pouco.

Levantou, pegou caderno, livro, estojo e foi estudar no lugar preferido. A porta de casa, do lado de fora, tinha luz do sol, espaço pra sentar e apoiar as costas no batente, dobrar o joelho pra sustentar o caderno. Começava a se concen-

trar na pergunta que copiou da lousa quando viu o coturno do policial. Levantou a cabeça. A mãe ouviu o disparo.



“EU SOU MORENA”

A única preta dos quatro irmãos. Muito bem tratada, exatamente como os demais. Para eles, não havia diferenças. E de fato não havia, não entre irmãos, não entre os pais. Mas os olhares de dúvida dos outros eram impiedosos: “Nossa, ela também é sua filha?”.

Não foi necessária uma única palavra para que Lili percebesse como era ruim, feio, errado, pior ser preto. E, na falta das palavras, não dava pra ninguém corrigir a menina e explicar que não tinha nada de ruim, feio, errado ou pior ter qualquer cor de pele.

Em um domingo, os quatro desciam as escadas ao lado da portaria do prédio aos pulos. Veio Renê, amigo querido dos pais, brincar com a criançada

toda. Cada um ganhou cócegas e devolveu risadas. Menos Lili:

– Sai daqui, seu preto!

Renê respondeu rindo:

– Você também é preta.

– Eu não sou preta. Eu sou morena.

Ele estancou. E os irmãos, também crianças, aprenderam que era possível ser racista aos cinco anos de idade.



A PATROA

Cláudia tinha a vida que sempre sonhara. Médica, com filhos e um marido que amava, carro de luxo, casa grande. Andava sempre muito bem arrumada. Roupas estilosas, salto alto, cabelo alinhado, maquiagem. Perfume caro, sem economia no uso.

Era preta e rica. Todo mundo notava, mas ninguém falava. Era também muito bonita e isso sempre ouvia, que alívio. Não era assim, como qualquer preta, era o que algumas pessoas insinuavam, sempre de forma muito sutil, é evidente, porque gostamos de mostrar que não existe racismo no Brasil.

A amiga de hospital uma vez descreveu o cabelo feio de uma paciente “mulata”, muito alisado, mas logo lembrou de ressaltar: “Não assim, bonito como o seu, Cláudia”. O amigo do marido,

no jantar da empresa, contou do funcionário que entrou na faculdade beneficiado por uma cota racial: “O cara não é estudioso como você, Cláudia, que entrou em medicina sem cota nenhuma. Ele não tinha condição de competir com gente mais preparada. Entrou só pela cota mesmo. Nem sei se vai conseguir acompanhar”.

Muitas vezes olhavam pra ela com dúvida no centro cirúrgico. Com avental e touca, era difícil perceber como era estilosa, bem vestida, rica e cometiam a gafe de perguntar se era instrumentadora. Ela não via problema nisso, respeitava os colegas de todas as profissões. Sabia que não tinha nada de ofensivo e que qualquer cirurgião podia se passar por instrumentador. Preferia não reparar que era a única a ser confundida.

Numa manhã qualquer, acordou com o barulho do interfone e percebeu que a empregava não esta-

va em casa. Viu pela câmera de segurança que era o carteiro, atendeu o interfone e soube que precisava assinar um recibo para pegar a encomenda.

Vestiu a roupa de ginástica, para ser mais rápido, e correu para atender o portão. Recebeu o pacote e, enquanto assinava o papel, chegou uma senhora bastante elegante.

– Você pode, por favor, chamar sua patroa?

– Patroa?

– Sim. A dona da casa. Mudei pra cá recentemente e gostaria de me apresentar.

Pensou que deveria, pelo menos, ter passado rímel e lápis de olho.

•



DO QUE
PARI



A PRIMEIRA CRÔNICA

Assim eu queria minha primeira crônica: que fosse pura como esse sorriso. O sorriso escancarado, com todos os dentes à mostra, que eu abria quando era pequena. Não os dentes miúdos das amigas que sempre invejei secretamente. Mas os dentes grandes, brancos e fortes que sempre tive. Os dentes elogiados pelos outros, de que nunca gostei. Será que ainda se ensina na escola que os escravos mais caros eram escolhidos pela qualidade dos dentes? Foi assim que eu aprendi. Era assim que eu percebia meus dentes. E eu nunca quis ser boa escrava.

Mas nada disso era dito quando eu era criança. Era como um sentimento que chegava e eu logo expulsava. Quando ouvia o elogio, abria rápido

outro sorriso escancarado. E não demorava muito pensando nessa coisa de escravo, de pele escura, de cabelo ruim.

Minha avó penteava meu cabelo bem puxado para trás. Fazia um rabo de cavalo no alto, deixando a frente bem esticadinha, sem nenhum fiozinho solto. Se eu queria experimentar meio solto, ela logo prendia. “Não faz assim que parece essas neguinha!” E eu pensava em silêncio: “Mas não sou essas neguinha?”. Outro sentimento que chegava rápido e eu logo expulsava, afinal, se é todo mundo igual, melhor nem pensar nisso.

Teve uma vez, na terceira série, que a professora elogiou o bronzeado da Vivian quando ela voltou da praia. Sem ninguém perceber, coloquei meu braço perto do dela e comparei: a cor era a mesma. Que alívio! Era isso, então. Eu tomava muito sol. Outra vez aquele sentimento veio dizer

que não era bem isso, mas eu já era muito boa em mandá-lo embora.

Agora, o cabelo... Eu não gostava nada dele. E esse sentimento nunca consegui mandar embora. Ou era o espelho, ou era o pente da minha avó, ou eram os meninos que me chamavam de vassoura. Sempre alguém me lembrava de que meu cabelo era ruim. Eu sonhava com o dia em que ele ficaria liso. Planejava ir toda semana ao salão de beleza, fazer escova como a minha mãe, quando eu ganhasse meu próprio dinheiro. De cabelo liso, eu sempre poderia dizer que estava voltando da praia, e nenhum sentimento esquisito voltaria.

Enquanto meu cabelo liso não chegasse eu sabia que não seria bonita. Tinha o espelho, minhas amigas e todos os meninos para me dizer. Então eu podia escolher o que eu seria. Engraçada? Não, eu não era boa em piada. Boazinha, estudiosa e

inteligente eu conseguia. E assim foi. Eu não respondia para os adultos, não arrumava encrenca com ninguém, estava sempre dizendo sim, estudando e sorrindo. Mas não aquele sorriso puro de quando eu era pequena.



LIVRE PARA AMAR, #SQN

Arrebatador. De conversar com a pessoa uma vez e não ter volta. De querer passar o dia grudada, tentando parecer interessante e prestando muita atenção no que o outro diz, como se não existisse nada mais importante. De nem perceber quando foi o momento da escolha, aquele clique quando você decide se apaixonar por alguém, em vez de ser forte e deixar passar. Foi assim quando conheci o Stephan. Nem vi e já tinha sido.

Ele tinha pouco tempo em Manaus. Precisava ir a Salvador terminar a pesquisa antes de voltar para a Alemanha. E, para passar mais cinco dias com ele, implorei para resgatar todas as horas extras não remuneradas que acumulara no trabalho.

Ainda fiquei devendo um dia, que prometi pagar na primeira semana de volta.

Fiz mil contas. Pedi pra aumentar o limite do cartão de crédito e comprei a passagem aérea em seis vezes. Saquei o dinheiro da poupança, que era suficiente pra comer e passear um pouco, mas não dava pro hotel. Depois de muita insistência do Stephan, que disse não ter custo adicional pra mais uma pessoa no quarto dele, aceitei não me preocupar com isso e embarcar.

Era a terceira vez que viajava de avião. E, além de aproveitar mais uns dias daquela paixão fulminante, era a chance de passear por Salvador enquanto ele pesquisava. A África brasileira. O Pelourinho. A Igreja do Bonfim. A praia de Itapuã que eu cantara tantas vezes. Uma semana de preparativos que demorou a passar. Aquela sensação contraditória do tempo que vai rápido demais quando eu

queria ficar mais com ele, e demora muito, e o dia da viagem que não chegava nunca.

Até que embarcamos. Uma euforia boa e muitos planos. Um abraço grudado que nunca se apartava. Balela essa coisa de alemão ser frio. Nunca fiquei com alguém tão quente, tão carinhoso, que chegava a ser grudento. Não dava tempo de prestar atenção em mais nada. Era nosso universinho paralelo.

E assim foram a sexta, o sábado, o domingo. Até segunda de manhã, quando Stephan foi para a biblioteca. Decidi dormir um pouco mais, tomar um banho demorado, hidratar o cabelo, esfoliar o corpo. Que delícia de segunda-feira. Aquele tempo meu. Em Salvador. Tomei o café da manhã do hotel, com muitas frutas, cuscus, pães, bolos, queijos, sucos. Cada cheiro, cada gosto compensava o fim da poupança.

Passei pela recepção e vi alguns cartões de restaurantes, museus, mapas. Puxa, um mapa me ajudaria

a caminhar pela cidade. Chegar à Igreja do Bonfim e acender uma vela antes de encontrar Stephan pra almoçar. Eu já passava distraída pela porta quando percebi que o dono do hotel falou comigo. Voltei, educada, pedindo pra ele repetir. “Você quer atender outro gringo enquanto ele está fora?” Como? O que aquele cara falou? Eu entendi, mas preferia não ter entendido. Soltei um “Como é?” na esperança de que ele percebesse o tamanho da bobagem, do desrespeito e recusasse. Ele ficou tímido, de fato. E se desculpou da pior maneira possível.

“É que mulata bonita assim como você consegue fazer um bom dinheiro com alemão, não é?” Uma parte de mim está naquela recepção até hoje. A outra parte decidiu que jamais ficaria com alguém como o Stephan outra vez.

•

LIVRO DE (QUE) HISTÓRIA (?)

Ao fundo, o professor falava. Era sempre interessante. Provocava.

– E se os portugueses não tivessem chegado ao Brasil? – perguntei uma vez.

– Não sei. A história se dedica ao que aconteceu. O “se” não é história.

Sinos tocam. Seis anos de aulas de história, desde criança, para eu entender pela primeira vez o que era história, afinal. Passei semanas pensando naquilo até que levantei a mão em outra aula:

– Este livro de história foi escrito por uma pessoa, não foi? Como essa pessoa sabe que tudo o que está escrito aqui aconteceu mesmo?

Outro professor teria ficado incomodado com a pergunta. Mas não aquele. Pergunta difícil, que fa-

zia todo mundo pensar, valia até ponto extra na média final.

– Isso. O livro foi escrito por uma pessoa, um historiador, com base no que outros historiadores escreveram. Eles estudaram documentos, mapas, cartas, conversaram com pessoas, compararam fontes diferentes.

Fui embora com a sensação de que há tantos documentos, fontes e historiadores que é impossível existir só uma história. Cada pessoa pode escrever uma, a partir das informações que reunir. Ruminei por semanas.

Até que naquela aula, ao fundo, o professor falava sobre os negros trazidos à força para o Brasil nos navios negreiros. Ele descrevia as correntes, as mortes, as senzalas. Falava sobre a aceitação e a feijoada. Aí me perguntei: que outras histórias existem sobre essa mesma história?

Além dos escravos que vieram obrigados, ninguém veio por escolha? Nenhuma rainha embarcou no navio por conta própria para acompanhar seu povo no navio negreiro? Com a missão de cuidar das pessoas pelo caminho e chegar aqui para organizar a luta? Da mesma forma como meu corpo guardou a cor da pele, os traços e a textura do meu cabelo, ele guardaria essas informações como herança genética? Com essas informações, eu poderia reescrever a história? Não em um livro de história.

•



E QUE LUGAR SERIA?

Demorou pra perceber. Eu sempre achava que aquele dia era especialmente difícil. Ou que estava desconectada daqueles amigos. O fato é que nunca me sinto confortável em grupo. Os colegas da faculdade, os do primeiro emprego, do segundo, do terceiro; depois até os tios, primos e outros parentes. Passar mais de quatro horas em grupo é solitário.

Naquela festa de fim de ano tudo começou bem. Pessoas interessantes jogando conversa fora à beira da churrasqueira. Crianças na piscina, adultos falando sobre trabalho, eleições, musculação e outras atividades físicas. O prazer da exposição ao sol, de perceber a paisagem verde e de ouvir vozes familiares era suficiente para sustentar horas agradáveis. As palavras nem importavam. Mas, conforme a tarde caiu, comecei a prestar atenção no que diziam.

– É um exagero!

– Sim! Ela xingou de macaco no calor da hora.

Todo mundo faz isso.

– Essa onda de politicamente correto...

Indignação, protesto, reclamação. O assunto era a história do jogador de futebol chamado de macaco pela torcida, que resultou no vídeo de uma torcedora gritando a ofensa internet afora. Aquela gente que se sentia superior ao resto do mundo e nunca sofreu efetivamente por causa de sua cor de pele ou condição social gostava de reafirmar que o Brasil não era um país racista. Seria um efeito de quando estão perto de mim? Nunca saberei.

E eu, que até então estava me divertindo na festa da firma, comecei a entrar em mim mesma. Todas as diferenças entre a minha história de vida e a da maior parte daquelas pessoas, concretizada na minha cor de pele efetivamente mais escura, e

nos meus traços marcadamente diferentes, se manifestavam como agressão.

Essa gente toda, depois de tanto estudar, acredita mesmo que chamar um homem negro de macaco não seja racista? Seria uma análise muito elaborada? Não aguentei:

– Olha, pessoal, eu sou negra! Se alguém aqui me chamasse de macaca, seria uma ofensa pra mim. Eu acharia racista.

Silêncio. Longa pausa antes de alguém ousar:

– Como assim negra, Ju? Você não é negra! Você é morena!

Silêncio meu dessa vez. Se eu digo que sou negra, eu sou negra. Mas não terei essa conversa. Ali, à beira da churrasqueira, com o sol se pondo na paisagem verde, percebo que aquele lugar também não é meu.

•



REVISTA

Agacha. Sem roupa. Não tem nada aí dentro? Pra que visitar bandido? Tudo mulher de malandro.

Luana nem sabia mais o que ela ouvia, o que pensava, o que era voz de carcereiro, o que era a mulherada da fila. Mas era só uma vez por mês. Pra mãe não viver aquilo sozinha. A mãe tinha que ir. E fazer o que mandavam na comunidade. Ou matavam o marido dela. A mãe não abandonava o traste. E ela não abandonava a mãe.

•



DESCULPA, NATI

Aos cinco anos de idade, Nati era vaidosa que só! Gostava de roupa colorida e de inventar moda. Saía longa estampada sob vestido com outra estampa era o mais básico. Um sapato de cada cor era rotina. Brinco, colar e pulseira todo dia. Olhava no espelho e via a menina linda que era. Só faltava um detalhe, não muito pequeno: um cabelão, pra jogar de um lado para o outro.

O pai contava que quando era bebê, com uns dois anos, Nati colocava um pano na cabeça pra fingir que era cabelo. Parava na frente do espelho, passava a mão, mexia o pescoço e ria de si mesma. Mas com o tempo, a brincadeira passou a ter menos graça. E fazia uma falta danada ter um cabelo que crescesse pra baixo, não pra cima.

“Cabelo crespo é lindo, minha filha”, sempre dizia a mãe. A menina sorria, não queria magoar a mãe, que ficava mesmo muito bonita com o cabelo crescendo pra cima. Mas ela queria porque queria um cabelo escorrendo pra baixo.

Na escola, a professora era como a mãe. Mesmo tendo um cabelão liso e bem comprido, vivia dizendo que o cabelo da Nati era lindo. Mas as amigas eram mais como a menina. Não gostavam daquele cabelo curto, cheio de molinhas com fios espetados. Algumas eram gentis e não falavam nada, só olhavam com pena. Outras soltavam pequenas maldades, perguntando se Nati não queria ter o cabelo liso e comprido como os delas. E tinha ainda as que faziam piada pra todo mundo ouvir, apontando o que chamavam de cabelo ruim.

Nati ficava triste, algumas vezes chorava escondida na casinha do parque. Mas logo ia brincar

ou inventar outra moda. Até o dia em que a tia foi refazer a progressiva e perguntou se a menina queria ir junto.

A cabeleireira elogiou o cabelo de mola da menina e logo a tia convidou: “Quer arrumar seu cabelo, Nati?”. Antes da resposta, a cabeleireira interferiu. Ela não alisava cabelo de criança! Os produtos eram muito fortes, podiam fazer mal, e as meninas deviam aprender a cuidar e gostar do cabelo natural. A tia fez cara feia e Nati ficou decepcionada. A cabeleireira propôs então uma hidratação bem boa, para acabar com os arrepiados. O problema era que, depois do creme, precisaria passar a chapinha e deixar o cabelo liso até, pelo menos, o dia seguinte. Depois de lavar os fios voltariam ao normal.

Creme, pente, puxa, mais creme, pente, puxa. E o tempo não passava. E a cabeça começava a doer. Creme, pente, puxa, mais creme, pente, puxa. Que

arrependimento sentia a menina! Creme, pente, puxa, mais creme, pente, puxa. E depois, ferro bem quente desde pertinho da cabeça até a ponta. Que dor! “Ficar bonita dói, Nati”, sorriu a tia.

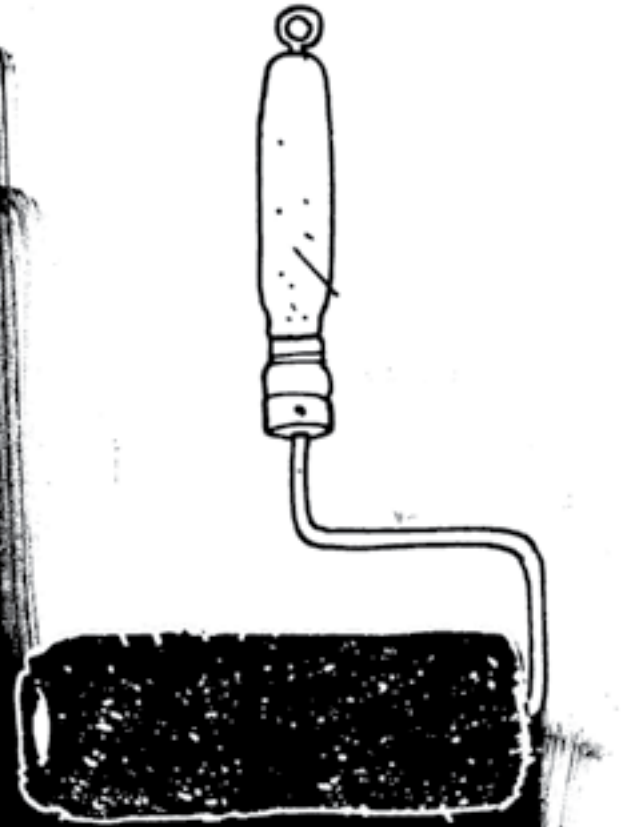
Quando olhou no espelho e viu o cabelo mais comprido, quase no ombro, podendo mexer de um lado pro outro, como sempre fingiu com os panos, Nati sentiu muita alegria. Nem se lembrava mais do calor ou da dor. Só queria que ficasse daquele jeito pra sempre. A cabeleireira explicou mais uma vez que, depois de lavar, voltariam os cachinhos, com menos frizz. Nati pediu: “Deixa assim pra sempre! Minhas amigas vão adorar e sempre vão querer brincar comigo!”. O sorriso da tia fechou. Ela abaixou, olhou fundo nos olhos da Nati e, quase transbordando lágrima, se desculpou.

PREVENÇÃO

Pai médico, mãe advogada. Filho único, escola particular, aula de inglês e de alemão. Roupas de marca, tênis colorido, o último *smartphone*. Fone de ouvido profissional, desses que as celebridades exibem. Cabelo bem cortado, perfume, óculos de sol. Bom gosto de quem usa o que é bonito, sem importar se é caro ou barato. E todo fim de tarde, quando andava pelo calçadão, quem vinha da outra mão mudava de calçada.

E ANTES DE ME DESPEDIR...

Você se lembra de quando foi racista com uma preta ou um preto? Não precisa contar pra ninguém. Só tente não repetir.



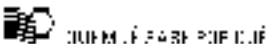
A autora agradece a todos que generosamente compartilharam conosco suas histórias e emoções:

Fabiana Gotardo ("Mulher Maravilha"); Luzia ("Livros para quem"); Nascimento Carvalho; Gabriela Leandro Pereira ("Não mexe com quem não anda só"); Douglas Belchior ("O poder da palavra"); Renata Nakano ("Eu sou morena"); e especialmente ao Círculo de Mulheres Negras da Casa de Lua.

SESI-SP editora

Conselho editorial

Paulo Skaf | Presidente
Walter Vicioni Gonçalves
Débora Cypriano Botelho
Neusa Mariani



Editor chefe

Rodrigo de Faria e Silva

Editora associada

Renata Nakano

Produção editorial e gráfica

Paula Loreto

Editora assistente

Gabriella Plantulli

Produção gráfica

Camila Catto e Valquíria Palma

Revisão

Laura Folgueira e Renata Lopes Del Nero

Capa e projeto gráfico

Raquel Matsushita

Diagramação

Cecilia Cangelo | Entrelinha Design

© Bianca Santana e Mateu Velasco, 2015

SESI-SP Editora

Avenida Paulista, 1313, 4ª andar

01311 923, São Paulo – SP

Tel.: (11) 3146-7308

editora@sesisenaisp.org.br

www.sesispeditora.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Santana, Bianca

Quando me descobri negra / Bianca Santana; ilustração Mateu Velasco.

São Paulo: SESI-SP editora, 2015. 96 p. il. (Quem lê sabe por quê)

ISBN 978-85-8205-656-1

1. Literatura brasileira 2. Romance I. Velasco, Mateu II. Título

CDD – 869.935

Índices para catálogo sistemático:

Literatura brasileira: Romance

Bibliotecárias responsáveis: Elisângela Soares CRB 8/6565

Josilma Gonçalves Amato CRB 8/8122

O livro *Quando me descobri negra* foi impresso em papel offset 120g/m², em outubro de 2015.